

13 TESES SOBRE A RERRESSÃO

um

Aos tantos de tal do mês de setembro de ano de 68, a burguesia portuguesa encontra em Marcelo Caetano o porta voz que sabe traduzir em termos políticos as novas necessidades que desde a década de 50 ela vem sentindo em termos económicos:

- A necessidade de entrar num processo de rápida industrialização dos meios de produção, de modo a recuperar o atraso a que quarenta anos de falta de investimentos nesse sector da economia a conduziram em relação aos restantes países do mercado europeu.
- A necessidade de encontrar os capitais necessários para investir nessa industrialização, sem que a inevitável dependência do capital português em relação ao capital internacional daí decorrente se traduza em dependência política.
- A necessidade de encontrar a todo o custo uma saída airosa para a situação cada vez mais aguda em que as despesas militares com a guerra colonial colocam a economia portuguesa.
- A necessidade de sustar o sempre crescente aumento do custo de vida, de encontrar formas de alienar a classe operária de modo a, sem grandes riscos, poder recusar sistematicamente a satisfação das suas reivindicações económicas.
- A necessidade de reduzir as despesas decorrentes de todo um anacrónico sistema burocrático de administração estatal.
- A necessidade de introduzir reformas nas superestruturas do ensino, de modo a satisfazer a procura de um número cada vez maior de técnicos e profissionais qualificados por parte da nova indústria.
- A necessidade toda uma camada médio e pequeno-burguesa tecnocrática a participar no processo de industrialização e de racionalização do aparelho administrativo.

dois

A essas necessidades objectivas e imediatas da burguesia portuguesa, tenta corresponder a "evolução" (na continuidade, não se esqueçam) marcelista:

- Uma política de promoção dos investimentos no sector industrial, através de facilidades financeiras de várias espécies, um incentivo oficial à livre concorrência entre empresas industriais, permitem à burguesia portuguesa o arranque em direcção a um urgente processo de industrialização.
- O conluio do capitalismo português com o imperialismo internacional, permitindo abertamente aos grandes monopólios estrangeiros o saque das matérias primas das colónias africanas, permite à burguesia portuguesa, por um lado, atrair os capitais estrangeiros necessários a esse arranque industrial, e por outro, encontrar, a médio prazo, uma solução neocolonialista para o problema da guerra em África.
- Reformas no sector da assistência social, um relativo congelamento estatal dos preços dos mais essenciais meios de subsistência, uma certa demagogia populista no discurso dos funcionários de estado, permitem à burguesia portuguesa manter a alienação dos sectores mais despolitizados das classes trabalhadoras.
- O diálogo político com a média e pequena burguesia, através da realização de eleições para deputados com um mínimo de legalidade; a suavização da censura prévia na imprensa permitindo pôr em questão o aparelho administrativo, a estrutura do ensino, e até alguns aspectos da guerra colonial; a concessão de eleições livres em relação a algumas direcções sindicais, enfim, a chamada "liberalização" marcelista, permitiu à burguesia portuguesa obter a participação de uma média e pequena burguesia tecnocrática no processo necessário de "racionalização" da exploração capitalista.

três

Mas o sistema capitalista internacional estala de podre e com ele o capitalismo português. A burguesia portuguesa vê as contradições agudizarem-se no seu próprio seio:

- Se o processo de industrialização se torna objectivamente necessário à burguesia portuguesa, nem todos os sectores desta o parecem querer compreender. A camada de grandes proprietários agrário-feudais vê-se lesada e contrapõe o peso económico e político de que ainda dispõe à nova camada industrial-monopolista em ascensão.
- Se uma 'liberalização' marcelista se torna objectivamente necessária à burguesia portuguesa, o sector ultra-reaccionário desta, ideologicamente ainda afecto ao salazarismo, joga na sua influência política para que a "continuidade" domine sobre a "evolução"
- Se a travagem a todo o custo do processo inflacionário se torna objectivamente necessário à burguesia portuguesa para evitar que a situação económica se deteriore ainda mais e que os conflitos sociais se agudizem, o controle desse processo escapa-lhe por completo, cada esua absoluta dependência do mercado internacional.
- Se é objectivamente necessário à burguesia portuguesa encontrar uma solução para as despesas militares com a guerra colonial, é-lhe absolutamente impossível por a questão de uma possível solução política através de negociações autónomas com os movimentos de libertação africanos, não só em virtude da sua dependência em relação aos interesses dos monopólios internacionais que investiram os seus capitais em território africano e daí procuram retirar o lucro máximo, como também uma solução desse tipo, além de precipitar uma crise dos valores tradicionais longamente apregoados pela burguesia nacional, não garantiria a retirada segura dos lucros provenientes dos próprios capitais nacionais investidos nas colónias por toda uma burguesia africanista que constitui um dos apoios mais sólidos do regime.
- Se a criação de novas e maiores unidades industriais se torna objectivamente necessária, assim como a formação de toda uma massa de profissionais especializados, a burguesia portuguesa é obrigada, nesse processo, a lançar as sementes da alimentação e crescimento do seu inimigo histórico —um proletariado jovem, com uma crescente consciência de classe, e que caminha no sentido de se transformar no grupo maioritário da sociedade portuguesa.
- Se a alienação das massas trabalhadoras se apresenta como objectivamente necessária à burguesia portuguesa, esta não dispõe ainda, no seu grau de incipiência, de aparelhos partidários pequeno-burgueses capazes de enquadrar as movimentações dessas massas e de as canalizar para vias reformistas, economicistas, revisionistas, capazes, em suma, de desviar a atenção do proletariado da contradição antagónica que o opõe à burguesia.

quatro

As contradições no seio de uma burguesia em crise são objectivamente inconciliáveis com uma real liberalização do sistema:

Toda e qualquer movimentação da classe operária, mesmo revestindo a forma menos politizada de reivindicação económica, desde o processo dos Metalúrgicos, a nível nacional, até às reivindicações dos pescadores de Setúbal, passando pelas greves dos operários da Grundig, da Firestone, da General Motors, dos Cabos Ávila, da Geffa, da Utic, da Phillips, da Simões, dos Têxteis da Covilhã, foram "solucionados" pela intervenção violenta das forças policiais.

cinco

Mas a repressão policial é apenas a mais claramente perceptível das formas de repressão utilizadas pela burguesia, a que ela só em casos extremos recorre, quando falham todos os outros processos de integração e de repressão que constituem o fundamento do sistema social de que ela usufrui todos os privilégios —a sociedade capitalista.

seis

A sociedade capitalista divide-se fundamentalmente em duas classes antagónicas. Uma minoritária detentora dos meios de produção, (máquinas, fábricas, terras, etc.), a outra maioritária que possui unicamente como meio de subsistência a sua força de trabalho (o aluguer do seu braço) que é obrigada a alugar à burguesia detentora dos meios de produção.

A burguesia paga essa força de trabalho não em função do valor produzido pelo proletário no seu trabalho, mas sim como o de qualquer outra mercadoria, pelo tempo necessário para a produção e reprodução dessa antiga mercadoria, por outras palavras, pelo tempo de tra-

A classe dominante apropria-se assim da diferença entre o salário pago e o valor produzido pelo proletário no seu trabalho. Esta diferença é a mais-valia ou taxa de exploração. Em resumo: na sociedade capitalista uma classe minoritária reaccionária vive à custa da exploração da maioria da população, que encarna o progresso. A luta entre estas duas classes antagónicas é o motor histórico desta sociedade.

sete

Mas a burguesia por si não está à altura de impor esta dominação de classe à maioria da população, é-lhe necessário um aparelho poderoso, complicado e eficaz que crie as condições necessárias para tal. Esse aparelho é o Estado. Ele é o produto de contradições irreconciliáveis entre duas classes antagónicas, mas como nasce desta luta ele é o estado da classe detentora dos poderes económicos e políticos. É um estado de classe, não paira acima da luta de classes nem é o seu arbitro, é o instrumento da classe minoritária sobre a classe maioritária. Nasce da necessidade que a classe exploradora tem de para sobreviver, institucionalizar, legitimar, perpetuar e efectuar a exploração.

É neste processo de institucionalização, legitimização, perpetuação e efectuação da exploração que consiste aquilo a que vulgarmente se chama de repressão

oito

A repressão manifesta-se através de todo um conjunto de instituições por onde a burguesia exerce a sua dominação de classe.

-A religião prega à classe explorada o conformismo: "quanto mais explorado fores na terra mais riquezas terás no céu"

-A família autoritária "cria" os seus filhos de modo a aceitarem a sociedade burguesa sendo passivos enquanto explorados e activos enquanto exploradores.

Todo o aparelho educacional se destina fundamentalmente à propagação da ideologia justificativa da exploração do homem pelo homem criando novos quadros para a transmitir e para a efectuarem, etc etc.

Porém quando todo este complexo mecanismo (repressão não violenta fisicamente de modo visível) não é suficiente. Quando os explorados por meio do método científico de análise e de acção actuam, por outras palavras, quando o proletariado adquirindo consciência de classe e da sua missão histórica se opõem abertamente contra os exploradores a minoria exploradora recorre aos seus sicários (exército, polícia de segurança, polícia de costumes, polícia política...) para os esmagar pela força.

nove

No entanto, a repressão alarga-se a outros sectores e camadas não operárias, a determinados estratos da pequeno-burguesia, quando em certas conjunturas podem tomar posições diferentes da do regime ou objectivamente ao lado das classes trabalhadoras.

Assim, a repressão do movimento dos empregados bancários de Lisboa e do Porto e do sindicato dos caixeiros de Lisboa assumiu formas extremas.

A incapacidade, por parte da burguesia, de integrar e satisfazer as reivindicações destes movimentos, estão pois, na origem de tais medidas repressivas. A aprovação do decreto-lei 520/71, de 24 de Novembro último, marca também mais um passo na tentativa de esmagar fisicamente qualquer forma de resistência organizada à exploração capitalista (por mais embrionária que essa forma seja). Pelas suas tradições, pelo seu papel junto de diversas camadas sociais contrárias ao regime e perante o vislumbra dum agravamento da instabilidade do regime, o governo, na sequência da aplicação do referido decreto, encerrou duas cooperativas do Norte: Confronto e Estudos e Documentação. Mais recentemente, a 17 de Março, foi encerrada a Livrelco, cooperativa de universitários com mais de 7000 sócios.

dez

No Movimento Estudantil a repressão tem actuado também numa forma sistemática. Assim encerrou a Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa e a Pró-Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa no período passado, precedidas no ano lectivo transacto pelo encerramento da Associação Académica de Coimbra, da Associação da Faculdade de Ciências de Lisboa, das Associações de Estudantes dos Institutos Comercial e Industrial também de Lisboa e da Pró-Associação de Medicina e Associação de Económicas dos Estudantes do Porto. Foram também, nestes últimos dias, presos 27 estudantes de diversas faculdades e institutos, dos quais 5 da faculdade de Medicina de Lisboa.

onze

Qual o significado da repressão? Porque é que o governo reprime sistematicamente o Movimento Estudantil?

~~crise dos valores burgueses, veiculados e reproduzidos pela Universidade~~ é posta a nã pelos crimes de imperialismo, quer em África quer no Vietnam e não consegue apagar o é dic profundo da juventude em relação a uma estrutura social desde há muito condenada historicamente. A crise institucional da Universidade e a incapacidade da burguesia em realizar o programa de reforma da Universidade, com o apoio dos estudantes, é também responsável pelo agravamento e deterioração da situação Universitária. A política governamental de rentabilização e de ajustamento da Universidade às novas necessidades do Capital é assim posta em cheque. A par do que se refere anteriormente sobre a crise dos valores burgueses e a crise da instituição Universitária, é importante referir a concor rância de factores que explicam a tomada de consciencia, por parte dos estudantes, de po sicões progressistas:

- O contacto directo com os mecanismos de formação e reprodução da ideologia burguesa.
- O acesso ao conhecimento científico do mundo e à informação dum maneira geral:
- A sua relativa disponibilidade.
- A contradição entre o seu desejo de promoção e a sua incerteza futura como pré-militar e pré-profissional.

doze

O grupo social estudantil não é homogêneo, reflectindo, pelo contrario, no seu seio todas as tendências que a um nível mais geral se confrontam na sociedade. Como tal, não se lhe pode reconhecer interesses próprios e concretos mas sim problemas que lhe advêm de características que lhe são comuns. E a luta contra a repressão assumirá as formas de uma ou outra tendência consuante a hegemonia, que em dada altura elas consigam obter. Adiante temos alguns exemplos especialmente significativos: assim, temos as posições da democracia burguesa que luta contra a repressão visando essencialmente os seus efeitos, mas nunca pondo em questão as suas causas reais; que luta objectivamente contra uma repressão fascista mas colaborando com uma repressão burguesa (ficando-se só em exigências de libertação imediata dos presos políticos, de visitas, de presença de advogado nos interrogatórios, enfim, exigências dum "justiça social"-pequeno-burguesa).

Temos outro tipo de posições que afirmam que o que é fundamental é lutar pelos interesses imediatos e concretos dos estudantes. Vimos já anteriormente que o grupo social estudantil sendo heterogeneo não tem interesses comuns mas sim problemas! Por outro lado, se, como a história do Movimento Estudantil e a análise das condições objectivas e subjectivas dos estudantes nos mostram, elas são efectivamente capazes de, em determinadas circunstâncias, tomarem posições progressistas que se enquadram na estratégia de luta das massas trabalhadoras, o lutarmos unicamente pelos problemas concretos dos estudantes é remetermos as massas estudantis a lutas meramente pedagógicas, é embutarmos as suas potencialidades progressistas, é, enfim, não conseguirmos correctamente lutar contra a repressão que é uma luta essencialmente politica.

treze

A luta contra a repressão conduzida correctamente, só pode ser feita se visar a cada momento a análise profunda do porque é que ela existe em cada conjuntura e o fortalecimento do Movimento Associativo, na base de uma unidade real entre a vanguarda do movimento e as largas massas dos estudantes e na base de uma luta pelos objectivos definidos e cada momento em função das lutas sociais mais progressistas. A luta contra a repressão permite, se correctamente perspectivada, colocar objectivos de luta superiores aos da luta meramente pedagógica.

UM GRUPO DE COLABORADORES

ERRATAS

Na linha onde se lê
titulo-~~re~~reção
17-legalidade
19-guerra colonial

deve ler-se
repressão
"legalidade"
guerra colonial desde que não ponham em causa o sistema